

MIELOENCEFALITE PROTOZOÁRIA EM EQUINOS

Ana Alice Melo GOMES¹; Alana Vitória Bezerra de SOUZA¹; Heloísa Pereira Queiroz NASCIMENTO¹; Maitê de Albuquerque Campos SILVA¹; Tacyla Rafaelly de Lima e SOUZA¹; Thaiane Victória Vicente de LIMA¹; Yasmim Isabelle Ferreira da SILVA¹; Mayumi Santos Botelho ONO².

Palavras-chave: Parasitas; Neurológica; Cavalos; Tratamento.

A Mieloencefalite Protozoária Equina (EPM), é uma afecção neurológica de extremo impacto que acomete o sistema nervoso central dos hospedeiros, em principal em animais de esporte equestre. É uma patologia que se dissemina no corpo do paciente devido ao contágio oro-fecal com água ou alimentos contaminados com os dejetos dos hospedeiros definitivos, os gambás Sul-americanos e os felinos apresentam-se como hospedeiros no Brasil. Nesse contexto, o objetivo dessa revisão fundamenta-se em disseminar mais informações sobre essa afecção com o qual, compromete a performance esportiva dos equinos. Este trabalho foi executado a partir de artigos científicos encontrados no Pubvet, Revista *Veterinary MSD Manual*, Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária, *Journal of Development*, Revista *Brazilian Journal of Animal and Environmental Research* e a Revista Ibero-Americana de Humanidade, Ciência e Educação, Revista Veterinária e Zootecnia, optando por publicações entre 2022 e 2025 utilizando as seguintes palavras chaves: “protozoário”, “mieloencefalite” e “*Sarcocystis neurona*”. A Mieloencefalite Protozoária Equina, tem como etiologia o protozoário *Sarcocystis neurona* que apresenta mais de dois hospedeiros, sendo os equinos hospedeiros acidentais que ingerem os sarcocistos oriundos do tecido muscular de outros hospedeiros. Após o contato com os sarcocistos, o parasita se aloja no epitélio intestinal liberando merozoítos no sistema vascular, que matura-se e invade a barreira hematoencefálica danificando o sistema nervoso central. A inflamação pelo *S. neurona* não desenvolve sinais clínicos na maioria dos equinos, contudo, pode apresentar sintomas como a alteração na função neurológica normal, atrofia muscular (nos músculos masseter, glúteo médio e quadríceps femoral), paralisia, incoordenação motora, necrose focal, perda da propriocepção e em alguns casos, incontinência urinária. O diagnóstico dessa patologia não acontece com os exames clínicos básicos mas pode ocorrer devido ao histórico, avaliação clínica neurológica, análises sanguíneas e do líquido cefalorraquidiano (LCR), reação de imunofluorescência indireta (RIFI), quociente de albumina (QA), *immunoblot* (*Western blot*), reação em cadeia da polimerase (PCR), imunohistoquímica (IHQ) e biomarcadores genéticos. O tratamento pode ocorrer através do uso de fármacos inibidores da diidrofolato redutase (como a pirimetamina associado a sulfadiazina) que manifesta 30% no índice de recuperação após o tratamento, antiparasitários (como diclazuril ou toltrazuril) apresentam uma eficácia de 73% devido a boa absorção com LCR, vitamina E atua como imunomodulador, anti inflamatórios (como o dimetilsulfóxido) e estimuladores do sistema nervoso parassimpático (o cloridrato de betanecol) a duração do protocolo pode ocorrer por pelo menos 90 dias com acompanhamento veterinário pois, o uso exacerbado pode agravar o quadro clínico. A vacina contra a EPM vem sendo estudada, porém, não apresenta resposta efetiva sobre sua validade científica, sendo nesses casos a melhor forma de prevenção restringir o contato com áreas e alimentos contaminados. A agilidade do diagnóstico influencia na efetividade do tratamento, contudo em menos de 25% dos casos observa-se ausência de sequelas nos pacientes. Assim, a EPM continua sendo um desafio devido a ausência de alterações nos

¹Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau. Email para correspondência: mevetanaalicemgc@gmail.com

²Doutoranda do Curso de Medicina Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

exames clínicos básicos, contudo, a realização de uma boa anamnese além de um bom protocolo aumenta as chances de uma recuperação sem sequelas para esse cavalos atletas.

Referências Bibliográficas:

DIAS, T. P.; CUPELLO, F. dos S.; SANTOS, B. da S. dos; RODRIGUES, C. P.; MASSA, S. del; POMPEU, B. da S. S.; REZENDE, J. B. F.; NOVATO, S. F. C.; GALINDO, E. L. de O.; ALCAIRES, L. F.; AZEVEDO, I. C. C. de. RECIDIVA DE MIELOENCEFALITE PROTOZOÁRIA EQUINA – RELATO DE CASO. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. e81435, 2025. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJAER/article/view/81435>. Acesso em: 27 de fev. de 2026.

JESUS, G.G. de; VERONEZI, R. de C. . MIELOENCEFALITE PROTOZOÁRIA EM POTROS: RELATOS DE CASOS. **Pubvet**, v.15, n.10, a935, p.1-6, 2021. Disponível em: <https://www.pubvet.com.br/uploads/45d06065f0072ea5a05419f2acfa9d16.pdf>. Acesso em: 27 de fev. de 2026.

ROMLO, M. ; CLEMENTE, M. A. . MIELOENCEFALITE PROTOZOÁRIA EQUINA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 10, n. 11, p. 4620–4634, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/17103> . Acesso em: 1 de mar. de 2026.

BARROS, M. L. de; CARVALHO, A. G. M. de; SCHMIDEK, A.; COSTA, G. B. da. DESAFIOS E AVANÇOS NA PESQUISA E TRATAMENTO DA MIELOENCEFALITE PROTOZOÁRIA EQUINA. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. e9794, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/9794> . Acesso em: 1 de mar. de 2026.

PALMA, G. C.; ARRUDA, T. Z. . USO DE CLORIDRATO DE BETANECOL EM INCONTINÊNCIA URINÁRIA POR MIELOENCEFALITE PROTOZOÁRIA EQUINA: RELATO DE CASO. **Brazilian Journal of Development**, v.8, n.7, p. 51324-51331, 2022. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/meohowlizjdtxbj344b33aigei/access/wayback/https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/download/50288/pdf>. Acesso em: 1 de mar. de 2026.

SILVA, T. M. V. DA .. *REACTIVITY AGAINST SARCOCYSTIS NEURONA AND SARCOCYSTIS FALCATULA-LIKE IN HORSES FROM SOUTHEASTERN AND MIDWESTERN BRASIL*. **Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária**, v. 32, n. 3, p. e007623, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbpv/a/TqRrK9XFS6yDTCN4n_9SxQNR/?lang=en . Acesso em: 1 de mar. de 2026.

¹Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário Maurício de Nassau. Email para correspondência: mevetanaallicemgc@gmail.com

²Doutoranda do Curso de Medicina Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco.